

NOTÍCIA SOBRE VASO GREGO DESTINADO AO TRANSPORTE E CONSERVAÇÃO DE MEL

Rui Morais¹

RESUMO:

Nos últimos anos temos vindo a dar a conhecer a existência de potes para o transporte de mel usados desde épocas muito recuadas da humanidade. Na notícia que agora apresentámos revela-se a existência de um vaso grego, de produção italiota, proveniente de *Tarcentum* (nordeste de Itália), agora conservado no Museu da Universidade de Michigan, muito provavelmente destinado ao transporte deste produto. Propõe-se, ainda, que este tipo de contentores possa remontar às primeiras civilizações, com origem na Mesopotâmia.

Palavras-chave: Mel; Vaso Grego; Mesopotâmia

ABSTRACT:

In recent years we have been making known the existence of pots for the transportation of honey used since early epochs of humankind. In this paper we reveal the existence of a Greek vase of Italiote production from *Tarcentum* (northeast Italy), which is now part of the collection of the Michigan University Museum and was very probably used to transport this product. We also put forward that these type of containers can go back to the earliest civilizations, namely from Mesopotamia.

Key words: Honey; Greek vase; Mesopotamia

INTRODUÇÃO

O mel, nas suas diferentes qualidades e usos, era um bem comercializado a par de outros importantes produtos alimentares. Os primeiros testemunhos de contentores para o transporte do mel datam das Primeiras Civilizações, como comprovam frescos egípcios da XV dinastia (meados do II milénio a. C.) e algumas tabuinhas de Linear B micénicas (2^a metade do II milénio a.C.). Outros tipos de contentores usados no transporte do mel são referidos em papiros da época ptolemaica (Bortolin, 2008, 119-122). Os contentores recuperados pela arqueologia são de época romana e bizantina. A sua identificação é possível graças às inscrições (grafitos e *tituli picti*), na sua maioria presentes em formas de ânforas usadas para o transporte de vinho.

Os contentores usados no transporte e conservação do mel: os potes meleiros

Para além do comércio do mel em ânforas e outros contentores de transporte a média e longa distância, este produto era também conservado e comercializado a nível local ou regional em

¹ UP/FLUP- CECH. rmorais@letras.up.pt

instrumenta domestica, a maior parte dos quais em contentores multifuncionais e de reutilização secundária sem características específicas que os distingam quanto à sua funcionalidade. Mau grado a dificuldade em reconhecer os recipientes usados no transporte e conservação do mel, são conhecidas formas específicas, especialmente adaptadas para este fim, conhecidos por potes meleiros. Estes vasos caracterizam-se por possuir um característico ressalto muito saliente (mais raramente dois) em forma de aba ou “pestana”, frequentemente situada a cerca de um terço da parte superior do pote ou situada na proximidade da boca.

De acordo com paralelos etnográficos documentados na Península Ibérica (fig. 1a) e em Creta (fig 1b), esta característica formal parece diretamente ditada por duas razões de ordem prática: criar um canal de água em torno da parte superior do bojo para impedir que insetos como as formigas cheguem ao produto e, por outro lado, evitar que este escorra ao longo das paredes.

Os exemplares mais antigos conhecidos remontam às civilizações pristinas da mesopotâmia, como parece documentar um significativo número de vasos pré-elamitas datados de 3000 a 2800 a.C. (CVA, Paris, Louvre ii, Pl. I-4; Louvre iii, Pl. 6-8), (fig. 2).

Mais tarde esta tradição estende-se ao Egeu, nomeadamente em Thera (atual Santorini), (CVA, Sevres, Pl. 6, nº 1), (fig. 3 a) ao Centro Norte de Itália (na região da antiga Etrúria), (fig. 3 b), e à Península Ibérica².

Um caso inédito no estudo dos vasos gregos

Os vasos gregos têm sido recuperados aos milhares pela arqueologia. Podemos vê-los nas salas dos principais museus europeus, como o Museu Britânico, o Museu do Louvre, o Museu Nacional de Atenas, o Museu do Vaticano, as coleções Estaduais de Antiguidades de Munique, nos Museus de Berlim, o Hermitage de S. Petersburgo, ou fora do continente europeu, como em Nova Iorque ou o Museu de Belas Artes de Boston. Independentemente do seu valor artístico, razão pela qual tantas vezes são admirados, não podemos esquecer o fim utilitário a que destinavam. Assim se compreende que sejam conhecidas uma grande diversidade de formas com usos e funções distintas.

Na já clássica obra de Gisela M. A. Richter e Marjorie J. Milne, intitulada *Shapes and names of Athenian Vases* (1935), dão-se a conhecer as principais formas de vasos gregos fabricados em Atenas do século VI ao século IV a.C.. Como referem os autores, cada forma era o resultado de uma criação individual, bem proporcionada e adaptada aos diferentes usos, sendo raro a criação de novos tipos. Apesar desta circunstância não se conhece o nome original de grande parte das formas, ainda que algumas delas venham referidas nas fontes escritas e descritas e representadas nalguns vasos pintados.

Nas produções coloniais da Magna Grécia e da Sicília conhece-se uma maior variabilidade formal, ainda que se continue a imitar grande parte das formas canónicas e padronizadas de fabrico ático. Para nossa surpresa, encontrámos no *Corpus Vasorum Antiquorum* um vaso grego (referido como “Jar”) que pelas suas características formais, nomeadamente a existência do característico ressalto muito saliente em forma de aba ou “pestana”, situado a cerca de um terço da parte superior, nos indica tratar-se de um pote meleiro (fig. 4).

Segundo as indicações recolhidas no volume da Universidade de Michigan (USA 3, p. 36; Plate XIX, nº 15), trata-se de um vaso de pasta alaranjada e verniz negro, com 25,9 cm de altura e 22,7 cm de largura, classificada como italiota. Esta peça, muito provavelmente datada do século IV a.C., vem referida como pertencente à antiga coleção Margurg e dada como proveniente de *Tarcentum*,

² Em trabalhos anteriores um dos autores (Morais 2006: 149-161; 2011: 75-90), tendo em conta os exemplares arqueológicos documentados e os paralelos etnográficos conhecidos, admitia que estes recipientes fossem o resultado de uma tradição hispânica. O conhecimento de outros exemplares encontrados nas necrópoles da Etrúria e em centros oleiros ainda em laboração na ilha de Creta (agradecemos esta informação a Vincent Jolivet, arqueólogo da CNRS, UMR8546 – Archéologie et philologie d’Orient et d’Occident, Paris) permitem revelar que se trata de uma tradição mais vasta, cuja área de difusão está ainda por documentar.

uma pequena localidade situada a cerca de 20 km da cidade de Udina, no extremo nordeste de Itália. A proveniência norte-italica deste exemplar não nos deve causar estranheza já que, como vimos, estão documentados potes meleiros em necrópoles etruscas. Este seria, no entanto, o primeiro exemplar conhecido enquadrado na produção de vasos gregos que poderia ter sido intencionalmente fabricado com a finalidade de conter e conservar mel.

Considerações finais

A existência de um vaso grego destinado ao transporte e conservação de mel é extremamente interessante pelas problemáticas que encerra. As análises químicas de potes meleiros de época romana encontrados no actual território português, provenientes de sítios arqueológicos bem conhecidos, como *Bracara Augusta* (Braga), Monte Castelo (Matosinhos), *Aquae Flaviae* (Chaves) e *Conimbriga* (Oliveira, *et alii*), permitiram comprovar que se destinavam ao transporte de mel, como sugeriram os paralelos etnográficos conhecidos na península (Delgado 1996-97, 149-165; Morais 2006, 149-161; 2011, 75-90).

De momento não podemos avaliar se o vaso italiota proveniente de *Tarcentum* é um caso isolado ou se estamos perante uma ausência de investigação relacionada com este tipo de vasos em cerâmica grega. É possível que nos próximos anos se possam vir a documentar mais exemplares com estas características revelando que, para além do transporte dos tradicionais produtos, os vasos gregos também se destinavam ao transporte de mel, um dos bens mais importantes da antiguidade.

BIBLIOGRAFIA

- BORTOLIN, R. (2008) – Archeologia del miele, in *Documenti di Archeologia*. 45. SAP. Mantova.
CVA. Corpus Vasorum Antiquorum. Union Académique Internationale.
- DELGADO, M. (1996-97) – “Potes meleiros de *Bracara Augusta*”, in *Portugalia*. Nova série, vols. XVIII-XVIII. Porto, pp. 149-165.
- MORAIS, R. (2006) – “Potes meleiros e colmeias em cerâmica: uma tradição milenar”, in *Saguntum*, 38, Valência, pp. 149-161.
- MORAIS, R. (2011) – “A rota atlântica do mel bético e os contextos de autarcia: *vassa mellaria* e colmeias em cerâmica”, in *La cerámica en Galicia: de los Castros a Sargadelos. Actas del XIV Congreso Anual. Asociación de Ceramología* (2-4 octubre de 2009). Oleiros – A Coruña, pp. 75-90.
- RICHTER, Gisela M. A.; MILNE, Marjorie J. (1935) – *Shapes and Names of Athenian Vases*, Metropolitan Museum of art. New York. 1935.



Fig. 1 a-b – Potes meleiros de época moderna de Felgar (Norte de Portugal) e de Creta



Fig. 2 – Pote meleiro pré-elamita



Fig. 3 a-b – Pote meleiro de Thera e da Etrúria



Fig. 4 – Pote meleiro em cerâmica grega italiota proveniente de *Tarcentum* (nordeste de Itália)